

MARIA MADALENA: Vítima ou vilã?

Evoluir significa transformar através da adição de elementos ao que já existe, com obtenção de algo novo e melhorado. É o contrário de involuir que pressupõe uma regressão, ou seja, um retomar de um ponto anterior e inferior. Maria Madalena é disto símbolo. É símbolo da involução após a evolução. Seguido, novamente, de evolução.

Neste momento, pouco importa quem foi Maria Madalena na realidade. Diz-se ter sido uma mulher contemporânea de Jesus, originária da cidade de Magdala, uma cidade portuária e relevante economicamente no século I d.C. Acredita-se ter sido uma mulher de origem judaica que soube aproveitar a exposição à cultura helénica, absorvendo e mesclando ambas numa sabedoria ímpar. Pensa-se ter sido solteira e detentora de fortuna própria, em exclusivo, inexistindo referência a qualquer família, ascendente ou descendente.

Na mitologia cristã, Maria Madalena é apresentada como uma fervorosa seguidora de Jesus, parte integrante do séquito que o seguia, íntima dos seus apóstolos e companheira de Sua mãe no devir da crucificação. Por fim, torna-se na testemunha essencial da promessa de Cristo: a ressurreição. Surge 15 vezes no Novo Testamento, sem oportunidade de firme consideração biográfica, mas sempre perto de Jesus. O seu rasto perde-se após a ressurreição, embora o mito perdure até aos dias de hoje, dois mil anos depois.

Hoje, é seguro afirmar que Maria Madalena é um mistério. E, como qualquer mistério, é-o porque se tornou vulnerável à imaginação e vontade dos homens e dos tempos ou dos tempos e vontade dos homens: *“Maria Madalena move-se com o tempo, ou melhor, às vezes os tempos invocam Maria Madalena.”*(Michael Haag).

Fazendo-se uma análise (que se pretende) objectiva, Maria Madalena começou por ser uma mulher entre tantas que, ouvindo Jesus, se tomou de uma inabalável fé, juntando-se-lhe na demanda missionária até ao final, auxiliando os demais, financiando com os próprios bens todo o grupo e louvando-O a cada instante.

Tornou-se notada e o seu nome ganhou raiz, com as obrigatórias *nuances* e confusões com outras mulheres, dadas as incertezas da sua realidade já referidas, ficando impresso secularmente na memória colectiva. A sua vida e acção representam a vida e acção de outras mulheres desta era chamada de cristianismo primitivo. A nada se coíbiu na sua entrega total, tornando-se um dos pólos na dualidade feminina-masculina com Pedro.

Chama(ram)-lhe Apóstola dos Apóstolos. Dotada de conhecimento, iluminada pela fé, protagonizou uma sapiência própria dos seres humanos. De homens e de mulheres. Indiferentemente do género, pois não é este que determina a capacidade de pensamento, sentimento e raciocínio.

Aplacou sofrimento, instigou à recordação do amor de Jesus por todos e reforçou a Sua presença em fé, já que não fisicamente: *“Não choreis e não fiqueis tristes. Não formeis dois corações, porque a Sua graça estará com todos vós e vos protegerá. Louvemos antes a Sua grandeza, porque Ele nos preparou, Ele fez de nós seres humanos.”*, (Evangelho de Maria Madalena).

Mas, existiu realmente ou é produto da fusão de diferentes mulheres?

Questão irrelevante pois o determinante é compreender que Maria Madalena, na impossibilidade de ser confirmada real pela ausência da devida documentação, tem uma função na História, Sociologia e Política ao longo dos últimos 20 séculos.

A seu tempo uma próxima de Jesus, Maria Madalena preconizou a forma como Jesus tratava, respeitando, as mulheres, afirmando-lhes lugar no Seu magistério. Embora os apóstolos iniciais tenham sido todos homens, às mulheres reservou tarefas essenciais e não as discriminou no momento da partilha da mensagem. Como não o fez em relação às crianças: *“Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçam; pois o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes a elas.”*, (Mateus 19:14).

Séculos volvidos, Maria Madalena era amada e considerada por vertentes do cristinismo, como os cátaros ou os valdenses, para quem o género não se sobrepunha à capacidade intelectual e espiritual individual, podendo, assim, as mulheres cumprirem missão na pregação.

Numa referência católica, ortodoxa, há que lembrar a profunda devoção dos poderosos e respeitados Templários por esta mulher, a quem consagraram várias igrejas, reconhecendo-lhe a sapiência, fé e poder inspirador.

Nos séculos XIII e XIV, Maria Madalena adquiriu uma aura de pecadora convertida em penitente, cuja vida dedicou à remissão de todo o mal praticado. Inicia-se aqui um caminho de, pela fé e respeito para com esta mulher tornada exemplo para o género feminino, submissão das mulheres à igreja Católica, exclusivamente formada por homens com um objectivo (hoje denominado de “agenda própria”): a total subjugação política e social da população, do mais humilde representante do povo aos mais ilustres reis e imperadores.

Não suficiente, para maior reforço do relegar do género feminino para um plano passivo, submisso aos ditames e permissões concedidas pelo “sexo forte”, Maria Madalena adquiriu um corpo – já não apenas a sua fé e acção cristã eram relevadas – em tudo maléfico de tão sedutor. Rapidamente, o epitáfio de prostituta se lhe agarrou, tornando-a, sem lugar a dúvidas, imperfeita e incapaz de santidade, logo sem qualquer possibilidade de relevo na instituição Igreja. Nem mesmo a autoridade de pregação, porque impossível de concretizar sem mácula, lhe era concedida.

Aos poucos, com a cumplicidade da dificuldade de comunicação e educação características destes séculos, a Igreja conseguiu o desprezo pela genialidade do sexo feminino. Às mulheres não se reconhecia inteligência, autonomia ou sabedoria e, caso alguma ousasse lutar contra este preconceito, logo se activavam medidas coercivas, de grande eficácia prática embora, à luz da actualidade, desprovidas de qualquer carácter de legitimidade. Veja-se o exemplo da caça às bruxas, na idade média, onde as razões para a tortura, afogamento ou envio para a fogueira podiam ser tão banais como o manuseamento científico das plantas, potenciando as suas potências curativas.

É de rir (sem qualquer piada) o processo de averiguação da condição de bruxa, ou não, pelo qual uma presumível criminosa era atirada à água: se flutuasse era culpada e executada; se se afogasse, era inocente... mas estava igualmente morta.

Esta caracterização da personagem Maria Madalena reflete a atitude, receios e actos de auto-proteção de uma sociedade masculinizada e machista, àvida de afirmação e poder que, para o conseguir, não recorreu a duelos intelectuais e espirituais entre pares, mas à cruel submissão de um género que reunia as mesmas potências e, logo, lhe era igual no todo, persistindo

obviamente as diferenças individuais, ou seja, o que efectivamente cada ser humano consegue atingir na evolução.

A força destruidora em lugar do mérito intelectual e espiritual necessitava de exemplos, símbolos, ícones, que facilitassem a identificação dos comportamentos a ter ou não ter, facilitando a adesão voluntária das massas (incultas e ignorantes) à mensagem. Maria Madalena foi, assim, usada e abusada como exemplo do devido às mulheres e, conseqüentemente, dos direitos que os homens detinham sobre elas, entretanto afastadas de toda a intervenção e influência no domínio mundial detido pela Igreja Católica.

Desde o século XX, o seu nome tem sido reabilitado e, já com o Papa Francisco, recuperou o reconhecimento dos seu trabalho de Apóstola dos Apóstolos.

Fruto das revoltas femininas em prol do reconhecimento do seu direito à igualdade social, Maria Madalena foi tornada símbolo feminista, do feminismo e fonte legitimadora das capacidades das mulheres de actuarem em qualquer situação e protagonizarem qualquer função na sociedade, sem distinção dos homens.

Porque não reconhecer que a mulher é tão capaz como o homem quando o próprio Jesus assim o praticou? Reveja-se a resposta de Jesus sobre o seu amor por Maria Madalena, no Evangelho de Filipe: *“Como é que não vos amo como a ela? Quando um cego e um que vê estão ambos na escuridão, eles não são diferentes um do outro. Mas quando expostos à luz, aquele que vê verá a luz, o cego, no entanto, permanecerá na escuridão.”* (Evangelho de Filipe).

Com esta simples parábola, Jesus afirma amar Maria Madalena pela sua capacidade intelectual e espiritual e não por ser uma mulher. Este argumento serve igualmente para afastar a teoria de terem sido um casal verdadeiro, constituindo família e tendo filhos.

Hoje como então, a verdade, nomeadamente a verdade sobre Maria Madalena, assenta fortemente na coerência de uma teologia, suportada pela fé dos que lhe aderem, pois as interpretações dos escritos sobreviventes estão muito vulneráveis aos desígnios que cada um lhes confere. Por isso, Maria Madalena, e outros personagens, tem tido a sua vida e fé tão escrutinadas ao longo dos tempos. É um exemplo cuja história dificilmente confirmável permitiu servir propósitos específicos e mundanos, afastando-a da real função de ensinamento de um caminho para a fé, através da acção de cada um, que garanta a cada vez mais constante presença em Cristo.

Retome-se o exemplo inicial desta mulher que tudo deixou para seguir Cristo, reconhecendo-O de acordo com o que de Si afirmou: *“Eu sou a verdade, o caminho e a vida”*, (João 14:6).

Maria Madalena, real ou construída, é um símbolo e um ensinamento. Nem vítima, pois não é possível afirmar a sua identidade única, nem vilã, igualmente pela inexistência de comprovativo, Maria Madalena torna-se uma “função”: é o caminho para Deus, que cada um deve percorrer visando a sua reintegração com o Criador e na criação.

Rita Duarte

Julho 2022